

COM A 
PALAVRA

Servidores

Mãos que constroem a Uesb



Expediente

Reitor

Luiz Otávio de Magalhães

Vice - Reitor

Marcos Henrique Fernandes

Assessor Geral de Comunicação

Rubens Jesus Sampaio

Coordenação de Comunicação

Emanuela Lisboa

Jornalista Responsável

Patrick Moraes

Edição e Revisão

Juliana Silva

Mariana Lacerda

Patrick Moraes

Artes e Diagramação

Tâmara Aguiar



Índice

Apresentação	4
<hr/>	
História	
Patrimônio da Uesb	7
Missão cumprida	11
Construção	
Compromisso coletivo	16
Uma ponte entre vidas e projetos	19
Realizações	
O caminho da educação	23
Em família	26
Talentos	
A arte no cotidiano	30
Unidos pelo esporte	33
Fazendo a diferença	36
<hr/>	
Licença Poética	40
Memórias	42

Apresentação

O Estado é necessário para a mediação social, a defesa dos direitos, a regulamentação e a fomentação de políticas públicas. É clara a percepção de que, numa sociedade de forças desequilibradas entre seus entes, necessita-se de um Estado forte, como pontua Todorov: “Ora, não é livre o homem doente que não tem os meios para se tratar, o homem posto na rua porque não consegue pagar seu empréstimo bancário. Chega-se, então, ao paradoxo de que a liberdade individual, em cujo nome é rejeitada qualquer intervenção do Estado, fica impedida pela irrestrita liberdade concedida ao mercado e às empresas”.

Com essa compreensão, não existe Estado forte sem uma massa de servidores públicos com garantia da sua estabilidade como instrumento de proteção na sua missão de servir o interesse coletivo, cuidar do que é de todos em detrimento de interesse particulares

e estar à disposição da sociedade para o atendimento de suas necessidades.

Sendo assim, não cabe a defesa do Estado Mínimo, pois não se constrói uma democracia e um país organizado, que atenda às necessidades e anseios da população de forma digna, sem o servidor público competente, bem remunerado, tratado com respeito e dignidade e, ao mesmo tempo, compromissado com sua missão de servir.

Como consequência, investir na qualificação, na capacitação e no treinamento continuado é essencial para que aconteça o desenvolvimento equânime da sociedade e para que tenhamos uma gestão pública eficiente e eficaz. Entende-se também que a não realização de concursos regulares para a reposição de quadro para o atendimento das demandas da sociedade, constitui-se em uma atendida contra os deveres do Estado.

Em seus 40 anos de existência, a Uesb é resultado dos serviços executados pelo seu quadro de servidores. Não chegaríamos aos 47 cursos de graduação, aos programas de pós-graduação, aos projetos de extensão e pesquisa, à implantação de políticas inclusivas e de permanência sem a participação de todos os que aqui trabalham.

Para que os nossos discentes, confiados pela sociedade, tenham uma vida acadêmica dentro da normalidade esperada, em muitos casos, pessoas trabalham acima da carga horária estimada. Continuemos firmes na nossa missão, temos um serviço a fazer, uma sociedade para atender e, porque não dizer, fomos e somos essenciais para as populações dos territórios onde estamos inseridos.

Mais do que isso, os números comprovam que já “furamos o teto” de uma instituição regional. A nossa Uesb ainda está em construção, lá na frente, olharemos pra trás e maior será o nosso orgulho de sabermos que, com as nossas mãos, construímos uma Universidade pública, gratuita e de qualidade.



Rubens Sampaio,
assessor geral de
Comunicação



Historia



Patrimônio da Uesb

Os servidores de uma instituição são um dos seus maiores patrimônios. As histórias se entrelaçam de tal forma que, contando a trajetória de uma, não tem como não passar pela trajetória do outro. Contar essas narrativas traz à memória lembranças de alegria, luta e partilha. Rememorar esse passado faz ter ainda mais orgulho do presente e mais responsabilidade com o futuro.

Edilza Moreira Lago lembra a data que ingressou na Uesb: 19 de agosto de 1985. Em suas lembranças, também está presente o fato de que, naquela época, a Instituição ainda era a Faculdade de Formação de Professores de Jequié. Tendo desenvolvido suas atividades nos serviços gerais, mecanografia e protocolo, hoje, ela exerce sua função na Biblioteca Jorge Amado, onde

está há 16 anos, e afirma se sentir muito bem com os colegas, “como se fosse uma segunda família”.

A servidora, que se dedica à Instituição há 34 anos, conta sobre a importância da Universidade para a sua vida. “A Uesb contribuiu para minha capacitação através de cursos que foram importantes para exercer melhor as minhas atividades. Esses anos foram de aprendizados, onde pude aprender e, também, passar um pouco da minha experiência para meus colegas”. A Universidade ainda faz parte do cotidiano de Edilza, mas ela já sente a necessidade de descansar. “Mesmo sabendo que sentirei falta do trabalho e dos colegas, a aposentadoria é um direito essencial, pois chega um tempo que é preciso se desligar dando oportunidade para pessoas novas”, declara.

Em 1983, Maria Dalva Rosa Silva ingressou na Uesb como secretária do então Departamento de Administração, no campus de Vitória da Conquista. Antes dessa experiência, ela chegou a iniciar a licenciatura em Letras, na Faculdade de Formação de Professores. Essa trajetória demonstra a longa história que ela, conhecida como Dalvinha pela maioria dos colegas da Instituição, vem construindo ao longo de mais de 36 anos com a Uesb, uma Instituição que lhe permitiu crescer enquanto profissional e ser humano, um lugar que lhe deu colegas de trabalho que se tornaram amigos e os quais ela tem certeza que levará para a vida, mesmo fora dos muros institucionais.

Dalvinha, que, desde 2007, desenvolve suas funções na Edições Uesb, mas já passou por setores como Gerência Administrativa, Gerência Acadêmica e Gerência de Recursos Humanos, está finalizando um capítulo da sua história. Há mais de cinco anos, ela já estava em condições de solicitar aposentadoria, mas afirma que não passava pela sua cabeça, pois não se imaginava distante desse



Edilza Moreira



Adalice Gustavo Silva



Maria Dalva Rosa Silva

lugar que a acolheu e que considera como sua segunda casa. Hoje, a aposentadoria é uma realidade que se apresenta como algo próximo e desejado. “Já contribuí muito, eu tenho consciência que fiz minha parte. Vamos deixar agora para os jovens que estão entrando”, reconhece.

Maria Dalva lembra o início de suas atividades na Uesb e diz que o que mais sente falta é das relações próximas que foram estabelecidas no início de sua jornada. “Éramos muito próximos. Por ser uma instituição ainda pequena, o vínculo era muito maior. Nós conhecíamos todos”. Hoje, em virtude do tamanho da Universidade, que cresceu exponencialmente, ela afirma que as relações mais próximas são construídas apenas com os colegas de setor. “A gente já não se conhece mais. Pela quantidade de pessoas, a gente acaba tendo mais contato com os colegas do setor ou de área, porque tudo cresceu, tudo ampliou”.

História semelhante à de Maria Dalva é a de Adalice Gustavo Silva. Quando chegou em

Itapetinga, em 12 de agosto de 1982, data que foi admitida na Uesb, a bibliotecária encontrou uma Instituição que estava dando os seus primeiros passos. “Foi um começo pequenininho, um embrião mesmo”, lembra a servidora que acompanhou a história da Uesb na cidade desde a implantação do primeiro curso. Adalice é formada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia (Ufba) e já desenvolveu diversas funções na Biblioteca da Uesb, em Itapetinga, onde está desde o início de suas atividades na Universidade.

Nas lembranças da servidora, ainda está viva a memória de como era a biblioteca no início. Ela conta que eram apenas duas estantes e o setor funcionava em um salão no Colégio Agroindustrial, no qual ficavam também a diretoria e a secretaria do campus. Adalice lembra também que a primeira vez que a biblioteca teve um espaço mais amplo foi com a construção do Módulo de Salas de Aula do campus Juvino Oliveira, quando o setor passou a ocupar o espaço de três salas. Ela conta a história da Uesb misturando a sua

própria história e, com empolgação, fala sobre a inauguração do prédio que hoje funciona a Biblioteca Regina Célia Ferreira Silva e do crescimento da Instituição, que, segundo a servidora, “foi crescendo com o esforço de todos”.

A família de Adalice ainda está em Salvador, mas ela considera que seu lar é mesmo em Itapetinga, lugar onde conquistou amigos e fixou moradia. Ela, que foi agraciada com o título de cidadã itapetinguense, já alcançou o tempo para solicitar aposentadoria, mas, com carinho, afirma que a vida dela está na Uesb e considera que ainda está ativa, pois o trabalho é revigorante: “gosto do que eu faço, é um prazer para mim, e meu projeto é continuar trabalhando. Até quando der, até quando eu puder”.

Texto:



Ilana Teixeira,
jornalista

Missão cumprida

Acompanhar o início de tudo. Testemunhar o desenvolvimento e a conclusão de ciclos educacionais que transformam a vida das pessoas. Às vésperas do seu 40º ano, a Uesb não só carrega as marcas da história como também reúne diversas trajetórias de mãos que chegaram jovens e saíram com as marcas do tempo.

“Datilografei o processo de reconhecimento do curso de Ciências, habilitação em Matemática, e secretariei a formatura da primeira turma. Durante 32 anos, fui servidora. Praticamente metade da minha vida foi vivida na Uesb. Cheguei com o segundo grau e me aposentei doutora”, conta Irlândia Rocha.

Durante essa trajetória, a servidora atuou como secretária, subgerente, coordenadora e, encerrando suas atividades na Instituição,

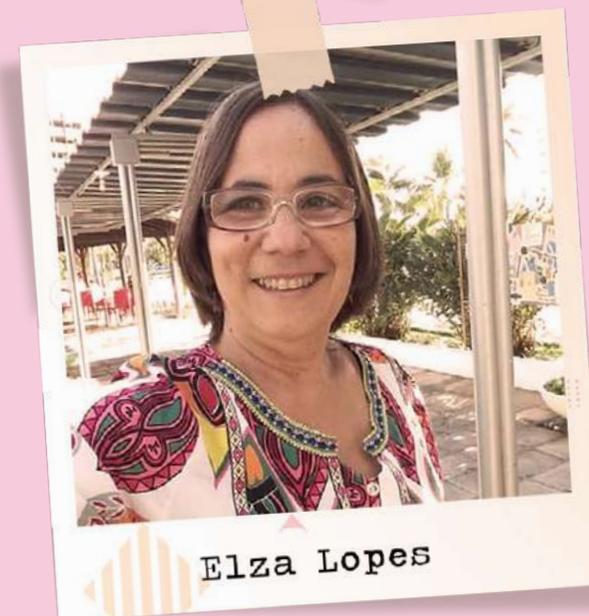
como diretora do Museu Regional de Vitória da Conquista – Casa Henriqueta Prates. Mais do que isso, Irlândia esteve à frente de projetos como o “Repensando Nossa Juventude Acumulada”, direcionado à população idosa que, em 15 anos, atendeu diretamente mais de 2000 pessoas; e o Polo Arte na Escola, projeto piloto para qualificar arte educadores de Vitória da Conquista e região, que chegou a ser premiado quatro vezes por sua atuação.

“A marca maior é quando o arte educador me diz: estou fazendo a diferença na minha escola ou quando aquela idosa que participou do projeto diz que sua vida melhorou, que ela se descobriu capaz de fazer algo, ou a outra que não teve mais depressão, pois encontrou um sentido para sua vida”, relata a servidora que deixou marcas relevantes também na comunidade.

Antes de se aposentar, em 2017, Irlândia lançou dois livros pela Edições Uesb: “Memória, Espaço Asilar e Representações: um estudo sobre narrativas de idosos” e “Velhice, Planificação e Políticas Públicas”. A oportunidade e valorização dos seus estudos marcaram a servidora: “a Instituição me proporcionou todas as condições possíveis para crescer, a liberdade para realizar os projetos que escrevi e o reconhecimento pelas minhas pesquisas”.

Hoje, mesmo aposentada, Irlândia se mantém em atividade e defende que a bagagem que acumulou deve ser aproveitada. Ela continua realizando pesquisas e fazendo palestras sobre a pessoa idosa, a serviço de uma instituição de ensino superior internacional. “Identificando-me com a missão e visão da Uesb, trabalhar nela sempre foi um prazer. Sinto-me à vontade para dizer que ajudei a construir a Universidade e cresci com ela”, destaca.

Descanso merecido - A aposentadoria assinala o período de afastamento remunerado do trabalhador após cumprir



requisitos estabelecidos pela legislação. Para quem se dedicou tantos anos a atividades que deram sentido à sua vida, esse período chega marcado pela gratidão. Assim define Elza Lopes: “posso afirmar que é como se tivesse realizado todo o meu currículo na Uesb. Ela faz parte de minha vida como uma mãe e mestra”.

A história da sua atuação na Universidade está intimamente ligada à própria história pessoal. “Foram 36 anos, um mês e alguns dias de serviços prestados com muita satisfação. Nesse período, eu casei, tive um casal de filhos. Eles cresceram, formaram família e, hoje, já sou avó de duas netas”, relata emocionada.

A formação de Elza também expressa essa ligação. Enquanto no trabalho de conclusão do curso de Administração realizou um estudo de caso sobre a percepção dos servidores administrativos do campus de Jequié e a estrutura de Recursos Humanos da Instituição, na pós-graduação, estudou o comprometimento organizacional dos servidores. Segundo ela, ao aspirar uma vida

tranquila para sua família, encontrou na Universidade um caminho de concretização. “A vida proporcionou a realização desse sonho junto à Uesb, onde não só trabalhei, mas vivi, convivi e aprendi com os mestres e, acima de tudo, com o alunado que, a cada semestre, chegava cheio de sonhos e expectativas positivas”, lembra Elza.

Para a servidora aposentada, os vestibulares sempre foram atividades em que gostava muito de atuar. Além disso, as recordações dos primeiros anos na Uesb são especiais. “O clima de amizade e companheirismo. Ainda com poucos cursos, todos se conheciam. As confraternizações tinham clima familiar, os amigos ocultos, homenagens e despedidas dos colegas, cafés da manhã ou lanche em alguns setores. Foram momentos ímpares para meu crescimento pessoal e profissional”, recorda.

Atualmente, Elza ainda se mantém ligada à Uesb, participando do Núcleo Interdisciplinar de estudos e extensão em cuidados à saúde familiar em convivência com doenças

crônicas (Niefam). Com atividades físicas, fisioterapia e acompanhamento da saúde, ela considera a relação com o Núcleo um presente de aposentadoria.

“Sinto-me realizada por ter tido a oportunidade de ser esse grãozinho de areia no oceano que é a Uesb. Aposentei feliz e satisfeita com a sensação do dever cumprido. A palavra que me define nesse momento da vida é gratidão. Não tem coisa melhor do que gostar do que faz, onde e com quem faz, porque trabalhar não se torna um fardo árduo. Fui muito feliz na Uesb”, assina Elza.

Texto:



Mariana Lacerda,
jornalista

Construção



Compromisso coletivo

Atualmente, a Uesb conta com 47 cursos de graduação, 27 programas de mestrado e doutorado, além de 17 especializações, o que envolve aproximadamente 13 mil estudantes. Buscando atender toda essa demanda, a Universidade mantém uma estrutura ampla nas cidades de Itapetinga, Jequié e Vitória da Conquista: são mais de 200 laboratórios e grandes bibliotecas em seus três campi, além de outros locais que são utilizados para o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão, como clínicas-escolas, campos agropecuários, estação meteorológica e núcleos especializados.

Para fazer funcionar toda essa estrutura, de forma que a Uesb cumpra o seu papel enquanto instituição responsável pela difusão do saber e formação de profissionais, a Universidade conta com funcionários divididos em funções administrativas, técnicas e de

manutenção. É o caso de Vivaldo Silva. Há 21 anos, ele exerce a função de serviços gerais, no campus de Jequié. Ao lembrar da época que começou a trabalhar na Universidade, em 1998, ele conta, com carinho, como era o campus. “Quando eu cheguei por aqui, só tinha o pavilhão administrativo. Depois, a Uesb foi crescendo e eu fui acompanhando todo esse crescimento”, conta o funcionário.

Segundo Vivaldo, “é uma honra muito grande ver todo esse avanço” da Uesb e, principalmente, participar ativamente desse processo de expansão da Universidade. Ele relembra, por exemplo, de como trabalhou na construção do Módulo de Odontologia, que funciona em Jequié desde 2006, contribuindo para a formação de centenas de dentistas e para o atendimento de milhares de pacientes da cidade: “onde hoje é o Módulo de Odontologia, era só mato. Eu fui um dos que

ajudou a limpar e a cercar toda aquela área”.

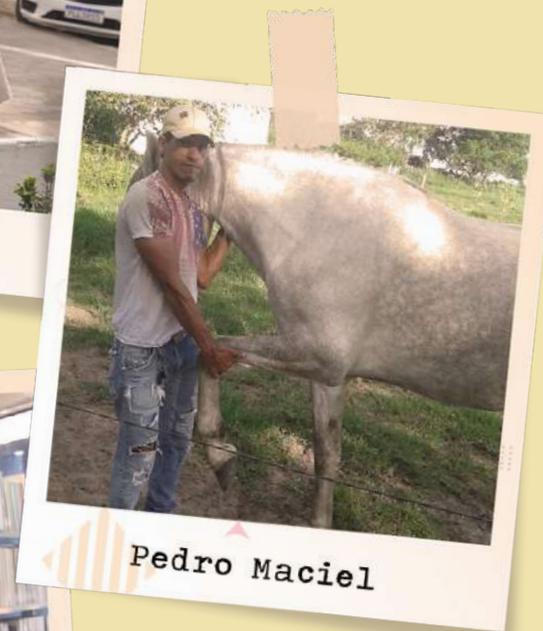
Depois de tanto tempo fazendo parte do quadro de funcionários da Uesb, Vivaldo comenta da importância que a Universidade tem em sua vida. “Eu fico feliz em ver isso e estar por aqui. Pra mim, a Uesb é tudo. Eu criei três filhos e boa parte do sustento foi daqui”, destaca.

Pedro Maciel, por sua vez, desenvolve suas atividades no setor de Equinocultura, no campus de Itapetinga. Desde 2017, ele cuida dos animais que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem de alguns cursos. “O meu trabalho é cuidar de equinos, como alimentar e dar banho”, conta.

De acordo com Pedro, essa é uma atividade que ele faz com muita satisfação, pois, como foi criado em roça, desde cedo sempre cuidou de animais, o que contribuiu para que ele se tornasse tratador. Já tendo passado por diversos outros empregos e com grande experiência na área, Pedro afirma que a experiência na Uesb está sendo muito



Vivaldo Silva



Pedro Maciel



Juliana Teixeira

enriquecedora. “O setor serve de aprendizado pra muitos alunos e, também, pra mim. Aqui, vejo professores dedicados, que ensinam com muito carinho, com quem eu aprendi muitas coisas”, comenta.

A bibliotecária Juliana Teixeira, há mais de quatro anos, faz parte do quadro de funcionários da Uesb. Lotada na Biblioteca Central Professor Antonio de Moura, do campus de Vitória da Conquista, Juliana atua no setor de Processamento Técnico. Ela presta assistência aos programas de pós-graduação e a Edições Uesb, com a elaboração de fichas catalográficas, que são necessárias para publicações de trabalhos científicos, como dissertações, teses e livros, além de atuar também no atendimento ao público.

Em 2008, Juliana estagiou na Uesb, quando ainda fazia seu curso de Biblioteconomia. Segundo ela, naquela época, não imaginava que, alguns anos depois, voltaria à Instituição como funcionária. Com ampla experiência em instituições de ensino privadas, a bibliotecária destaca os diferenciais da Universidade:

“costumo dizer que a Uesb foi um marco para mim. Aqui, além de ser um universo muito amplo, eu tive mais possibilidade de desenvolver o meu trabalho e de aprender, pois eu passei a ter outras demandas diferentes que me agregaram muito. Aqui está sendo uma escola para mim”.

Juliana comenta ainda do prazer em poder contribuir para um setor tão fundamental para a Universidade. De acordo com ela, é muito bom fazer parte de uma das principais instituições de ensino superior da Bahia. “Eu sou muito feliz em trabalhar aqui. A Uesb faz parte da minha vida”, define a bibliotecária.

Texto:



Juliana Silva,
jornalista

Uma ponte entre vidas e projetos

“Meu desejo por histórias e eventos relacionados à poesia, a narrativas e a todas as formas de expressão humana não tem idade”. Foi assim que a professora aposentada Maria Afonsina Matos iniciou a entrevista. Na sua primeira infância, teve o primeiro contato com “causos”, cantigas, versos, recitais, teatrinho de quintal, revistas e enciclopédias, contados pelos parentes mais próximos, em especial avós e irmãos. Na década de 1990, com os filhos pequenos, ela retomou sua relação com a literatura. Essa conexão reverberou a prática da leitura na vida profissional, fazendo dela o objeto de trabalho.

Por 33 anos, Maria Afonsina atuou na Universidade como professora. Nesse período, foi coordenadora acadêmica do Centro de Estudos da Leitura e do Programa Estação da Leitura, situados no campus de Jequié. Durante sua passagem pela Instituição, o que mais

marcou sua trajetória foram as atividades de ensino integradas à pesquisa e extensão.

Estima-se que em torno de 30 mil pessoas, entre bolsistas, monitores, voluntários, pesquisados e participantes de eventos tenham sido beneficiadas, de alguma forma, pelos projetos realizados por ela. “Era uma experiência ímpar ver meus alunos se verem como pesquisadores capazes de uma intervenção efetiva e afetiva no seu entorno”, comenta.

Contribuição para a agricultura familiar –

Essa experiência extensionista também marca a trajetória da servidora Generosa Ribeiro, coordenadora da Casa do Mel. Na infância, ela deu início a seu intenso contato com as abelhas, construindo uma vida costurada entre a sabedoria popular e a ciência. “Caçadora de insetos” era o apelido dado

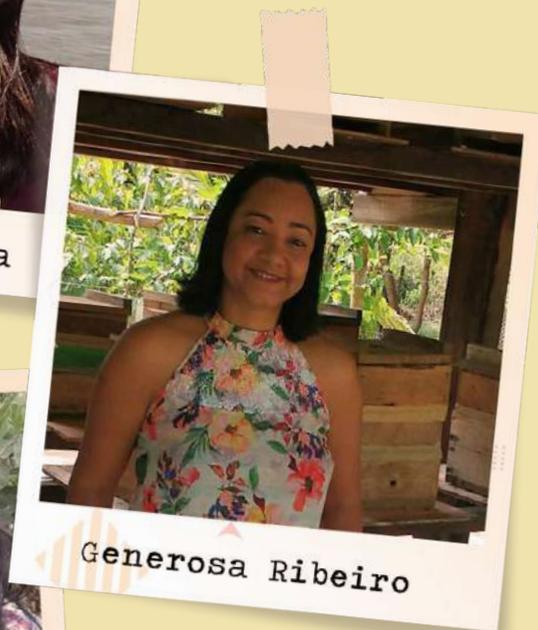
pelos primos. Acostumada a acompanhar o avô no manejo das abelhas “mansas”, conhecidas como abelha sem ferrão, Generosa não teve dúvidas quanto à escolha da profissão.

Com duas graduações, licenciatura em Ciências e em Biologia, e um Doutorado, Generosa presta serviços com projetos extensionistas voltados para os agricultores familiares na criação racional de abelhas sem ferrão. “Tenho uma enorme satisfação de ter nascido na roça e ter a formação que tenho, realizando esse trabalho”, enfatiza.

Além de atuar pela Universidade há 15 anos, com os projetos na Casa do Mel, a servidora também tem a própria criação de abelhas, produzindo mel e outros produtos, como panos ecológicos de cera utilizados para substituir o plástico. Ela também oferece cursos de extensão em outras regiões, realiza perícias para o Ministério Público da Bahia e, recentemente, contribuiu com a criação do projeto de Lei nº 13.905, que busca legalizar a criação de abelhas sem ferrão na Bahia.



Maria Afonsina



Generosa Ribeiro



Letícia Fernandes

Quando questionada sobre o maior ganho que possui na sua vida profissional, Generosa enfatiza: “ver que o produtor rural tem novos horizontes, são pessoas sofridas e, então, contribuir com a melhoria de qualidade da vida deles é uma satisfação pessoal que nenhum dinheiro paga”.

Agroecologia na região – Quando se fala nessa relação da vida profissional e pessoal, Letícia Fernandes, a coordenadora do Sete Cascas, sente-se orgulhosa pelo que vem contribuindo com a Uesb. Sua relação com a Instituição começou quando tinha sete anos. Com a presença da Universidade no mesmo bairro que residia, passou a frequentar a Sala de Leitura do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler). “Local este que me despertou o amor pela leitura e expandindo os horizontes do meu conhecimento”, comenta.

Seu interesse pelo desenvolvimento sustentável foi construído desde sempre. Fez o curso técnico agropecuário e, em seguida, construiu uma carreira pautada junto ao seu “próprio entendimento sobre o mundo”. Antes

de atuar na Uesb como professora, Letícia já vinha contribuindo com o projeto Sete Cascas, por meio do plantio agroecológico. “Vê esse movimento dos estudantes plantando o primeiro sistema agroecológico na Uesb, realmente, é uma revolução, pois, até então, vinha sendo feito por outra vertente. Ver esse sistema prosperar é muito gratificante”, afirma

Na linha do tempo, o projeto já atendeu em torno de 1.500 pessoas, desde participação em feiras e cursos ministrados para a comunidade. “A inserção dos conceitos de agroecologia aqui na região é algo inédito e um trabalho que estamos fazendo é um modelo direcionado para a subsistência, para a produção de alimentos”, pontua.

Texto:



Mara Ferraz,
jornalista

Realizações



O caminho da educação

A maioria das portas de uma universidade são abertas por meio da Educação.

A oportunidade de ingressar em um primeiro curso de graduação, a chance de se profissionalizar em uma segunda área, o aprimoramento construído em especializações e pesquisas científicas. As escadas do conhecimento são inúmeras e as histórias de José Luiz, Jolúcia e Gilsileide se cruzam nessa caminhada traçada pela oportunidade de crescer e se encontrar através do saber.

Em 1998, José Luiz de Jesus ingressou na Uesb como servidor. Mas, essa relação com a Universidade já havia começado com as participações em eventos culturais por meio do teatro, um dos seus maiores amores. Assim que chegou, a Coordenação de Cultura foi seu lugar de acolhimento. Dez anos depois, o sonho de fazer uma graduação se tornou

realidade: José iniciou a licenciatura em Letras. “O contato com a vida acadêmica no meu cotidiano ampliou o meu desejo de conhecimento, aquele despertado em mim pelo teatro amador que sempre atuei”, conta.

Contudo, a paixão pelo teatro sempre esteve ali, presente e viva. Entre os momentos que marcam sua trajetória, José não pestaneja ao citar a participação na comissão de elaboração do curso de Artes que, posteriormente, se transformou nas licenciaturas de Dança e de Teatro.

Em 2018, o grande sonho chegaria: ingressar num curso superior na área que tanto amava, o teatro. “A Uesb me proporcionou uma das coisas mais essenciais: a vida. Para viver, é preciso de elementos básicos, entre eles está a alimentação, que vai além do que alimenta o corpo, ela também nutre a alma”.

Aprimorando – A porta de entrada de Jolúcia Santos na Uesb foi a graduação. Em 1999, ela ingressou no curso de Pedagogia e construiu uma base profissional para sua carreira de pedagoga fora dos muros da Universidade. Doze anos depois, a relação com a Instituição e com sua cidade natal, Itapetinga, se refez quando Jolúcia foi aprovada e convocada por meio de um concurso público.

Desde então, a servidora passou por diversas experiências na área administrativa, chegando a assumir, em 2013, a Coordenação de Recursos Humanos do campus de Itapetinga. Nesse período, Jolúcia já estava perto de concluir seu segundo curso de graduação: a licenciatura em Física. “Estar na Uesb, enquanto servidora, foi um fator motivador, pois conseguia conciliar o estudo com o trabalho”, afirma.

A paixão pela docência e o gosto pelas exatas levaram Jolúcia a buscar a segunda formação. Hoje, licenciada pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), Jolúcia afirma o ganho disso não só no ensino, mas



também em suas funções administrativas: “essa segunda graduação trouxe-me alguns benefícios para minha atuação profissional, como melhorar a visão de administração de empresas, tendo como fundamento uma nova concepção de organização, baseado na Física Quântica da Gestão Empresarial”.

Os caminhos do conhecimento vão além da graduação dentro da Uesb. É o caso da servidora Gilsileide Cristina Barros, que passou por diversos níveis de formação até chegar ao Doutorado em Linguística, curso em que foi aprovada recentemente. “O fato de eu trabalhar na Instituição foi decisivo para eu me capacitar acadêmica e profissionalmente. Fazer todos os cursos na minha área de conhecimento tornaram-se um grande sonho que, graças à Uesb, estou conseguindo concretizar”, narra Gilsileide.

Professora, Gilsileide não nega o gosto pela docência na área de Língua Portuguesa. Com todas as capacitações promovidas pela Uesb, o sentimento é de crescimento. “A pós-graduação promove uma série de benefícios

para a vida pessoal e profissional: o contato social do ambiente acadêmico, poder discutir sobre as diversas teorias, a possibilidade de pesquisa, e, muito importante, a oportunidade de mostrar os resultados dessas pesquisas para a comunidade”, analisa.

Hoje, Gilsileide é colaboradora do Caderno de Ciências Sociais Aplicadas da Uesb, e alia essa função com o desafio de construir uma tese de doutorado. “Considero a Uesb uma parceira. Nesses 24 anos, cultivei grandes amizades, adquiri habilidades, aprendi – e aprendo todos os dias – a vencer os desafios do trabalho administrativo e acadêmico. É uma relação de troca. Por um lado, ajudo a Instituição a promover a formação profissional e científica dos estudantes, por outro, cumpro os meus ideais e metas de vida”, relata.

Texto:



Patrick Moraes,
jornalista

Em família

A Uesb é muito mais do que o lugar de aprender, ensinar e trabalhar. Dentro dos muros da Instituição, amizades são construídas, laços fraternos são consolidados e famílias são formadas. Muitas das mãos que constroem a Universidade estão ligadas por um sentimento maior: o amor.

A história do núcleo familiar de Isabel Cristina de Souza, coordenadora de Acessibilidade, Permanência e Ações Afirmativas do campus de Jequié, está ligada diretamente à Uesb. Além dela, o seu esposo, professor Djalma Menezes de Oliveira, e a sua filha, Renata Vasconcelos Oliveira, são servidores da Universidade. Todos eles estudaram na Instituição, bem como os outros dois filhos do casal: Carolina e Rafael Oliveira.

O vínculo deles com a Uesb já tem mais de 34 anos. Tudo começou em 1985, quando

Djalma iniciou seus estudos no Ensino Superior no então curso de Ciências da Universidade. “Após a graduação, ele fez a seleção para professor substituto e, logo depois, fez o concurso para professor efetivo no antigo Departamento de Química e Exatas (DQE), hoje, Departamento de Ciências e Tecnologia (DCT)”, conta Isabel.

A próxima da família a fazer parte do quadro de funcionários da Instituição foi a própria Isabel. Ela ingressou na Uesb como servidora em 2006, logo depois de dar início à graduação em Letras, também na Universidade. Já Renata, a filha do casal, tornou-se funcionária da Uesb em 2013, mesmo ano em que deu início ao Mestrado em Genética, Biodiversidade e Conservação da Instituição. Antes disso, ela cursou a graduação em Biologia na própria Uesb. “É comprovado que a Uesb tem uma

importância relevante em nossas vidas. Hoje, nossa família tem uma formação acadêmica de ótima qualidade. Além disso, podemos contribuir para a formação de novos discentes”, destaca Isabel.

Além de trabalhar na mesma Instituição que seus pais, Renata, hoje secretária do Mestrado em Genética, compartilha o espaço de trabalho, ainda, com seu esposo. Ela é casada com o professor Renato Tavares Santana, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas e Letras desde 2015.

Para Renata, é uma grande alegria saber que sua família colabora com uma das principais instituições de ensino superior do interior da Bahia. “Tenho muito orgulho de meu pai, mãe e marido. E de mim também. Creio que fazemos parte da parcela que deixa a Uesb cada vez melhor, tanto no quesito administrativo quanto da educação”, afirma a servidora.

Laços Fraternos – Para os irmãos Allen e Allisianne Saraiva Figueiredo, a Universidade também tem um lugar de destaque em



suas vidas. “A Uesb foi e continua sendo de grande importância para nós e nossa família, por nos proporcionar acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade e também por representar a nossa fonte de sustento”, comenta Allisianne.

A história da família Saraiva Figueiredo com a Uesb teve início em 1997, quando Allen ingressou no curso de Administração da Instituição. Já no ano seguinte, ele passou a fazer parte do quadro de funcionários.

“Por coincidência (ou não), eu e Allisianne trilhamos um caminho profissional bem parecido”, conta Allen. Sua irmã lembra com carinho de quando começou a seguir os passos dele: “prestei o Vestibular na Uesb, também para Administração, e fui aprovada no ano de 2004. Em 2005, prestei o concurso para técnico universitário, por influência de Allen, que foi o primeiro a acreditar que eu seria aprovada”.

Segundo Allen, na Uesb, eles tiveram oportunidades de qualificação pessoal e

crescimento profissional. Em contrapartida, eles contribuem para a construção da Instituição, ao desenvolverem suas funções com dedicação e comprometimento. “Tenho a plena consciência das oportunidades que a Uesb me deu e sempre irei retribuir com trabalho e compromisso, para elevar, cada vez mais, o nome de nossa Universidade”, declara Allen.

A trajetória dos dois irmãos dentro da Instituição é motivo de orgulho, tanto para eles como para os seus pais e demais familiares. “Para toda a minha família, a Uesb é uma importante referência e, por essa razão, nos enche de orgulho a certeza de que contribuímos para seu crescimento e legitimação”, destaca Allisianne.

Texto:



Juliana Silva,
jornalista

The background is a textured, light-colored collage. On the left, there is a semi-transparent image of a woman in athletic wear running. Below her, a cityscape is visible. In the bottom left corner, a hand is shown playing a guitar. The word "Talentos" is written in a large, black, cursive font in the center-right. Above the text, there are several decorative elements: a pink downward-pointing triangle, a large orange graphic resembling a stylized arrow or a series of vertical bars with a dotted pattern, and a small pink dot to the right of the text. In the bottom right corner, there is a small yellow diamond and a red circle containing a green landscape image.

Talentos

A arte no cotidiano

Em julho deste ano, uma cobra apareceu no pátio do campus de Itapetinga e uma gata, apelidada de Feiurinha, se aventurou ao se aproximar dela e quase foi mordida. O fato, nas mãos do servidor Cléber Sardinha, virou cordel: “Vou lhes contar uma história/ No mínimo fenomenal/ de uma gatinha valente/ eu nunca vi nada igual/ sem rezas e ladainhas/ a luta de feiurinha/ contra a serpente do mal”. Cordelista, músico e técnico em redes de computadores da Unidade de Informática (Uinfor), do campus de Itapetinga, Cléber começou a escrever em 2010 e seus principais temas são questões do cotidiano: tanto aquelas que o tocam individualmente, quanto às relativas à coletividade.

Neste ano, ele, junto a outros servidores e discentes, criou a “Universidade da

Música”. Composta por integrantes do campus, a banda contempla os gostos musicais de todos os integrantes: do rock nacional aos cancioneros. “Em um dia, despretensiosamente, estávamos tocando e gostamos da harmonia do grupo. Após isso, surgiu a Universidade da Música”, afirma Cléber, que, juntamente aos demais integrantes da banda, estreou, em setembro, um programa de rádio – na frequência FM 104.9 – aos sábados, chamado “Arena Cultural”, para falar sobre música e a cena artística de Itapetinga.

Literatura e afeto – Ex-docente do campus de Jequié, Ailton Carvalho começou sua história com a literatura cedo: “aos seis anos, escrevi meu primeiro conto. Li muito na infância e na adolescência. Aos 14 anos, escrevi o

poema 'Jequié-Foi' – talvez o poema mais conhecido sobre Jequié –, que a Uesb publicou no centenário da Emancipação Política do município”, relata. A trajetória de Ailton como docente, jornalista e escritor, embora distintas, estão sempre correlacionadas: “a produção literária contribui para o ensino, principalmente na Universidade. Na condição de professor, levo não só textos de outros autores, mas textos da minha própria autoria para reflexão em sala de aula”, conta.

Este ano, o livro “Anésia Cauaçu”, de sua autoria, está na lista das obras contempladas para o Vestibular da Uesb. Ailton, que se graduou na Instituição, passou como docente, pelo Departamento de Ciências Humanas e Letras, orgulha-se de ser o primeiro autor da região a ter um livro incluído na relação de livros do processo seletivo. “Será uma oportunidade de pessoas de vários estados do Brasil conhecerem uma mulher a frente do seu tempo, que foi Anésia Cauaçu. Ela foi a primeira mulher no sertão de Jequié a vestir calças compridas em uma época em que as mulheres usavam apenas vestidos”, lembra.



Arte em Quadrinhos – Para Éric Santos, 39 anos, desenho em quadrinho não é coisa de criança. Designer na Assessoria de Comunicação, no campus de Vitória da Conquista, ele ocupa seus momentos de folga com a criação e desenvolvimento de desenhos em quadrinhos. “O que sempre me fascinou era o aspecto visual. Desde pequeno, tentava replicar os desenhos que eu via. É uma atividade que me deixa leve. Para os dias de estresse, é a minha válvula de escape”, desabafa.

Atualmente, Éric tem aperfeiçoado sua técnica por meio de cursos. “Costumo andar com caderno e lápis, seguindo orientação do meu professor, observando pessoas e o ambiente nas ruas para reproduzi-los nos desenhos”. Além dos quadrinhos, ele também pratica o realismo, ou seja, a representação da realidade vivida. “Recentemente, um rapaz do Rio de Janeiro teve acesso aos meus desenhos e ligou para elogiar meu traço”, afirmou Éric. Os desenhos dele estão disponíveis sem sua página no Instagram @ilustre.eric.

Texto:



Tamires Peixoto,
jornalista

Unidos pelo esporte

Aos 49 anos, Helma Pio Mororó José tem um desejo para realizar até o fim de 2019: correr cinco provas de 21 quilômetros e, de quebra, dar início a um novo desafio, o Triatlo, evento atlético composto por três modalidades. Mais especificamente, Helma sonha em realizar a prova de Triatlo na modalidade sprint, ou seja, 750 metros de natação, 20 quilômetros de ciclismo e cinco quilômetros de corrida.

Atualmente, Helma é uma das professoras do Departamento de Ciências Naturais (DCN), campus de Conquista, só que sua história na Uesb começou bem antes disso. Em 1993, ela entrou na Instituição, no campus de Itapetinga, ficando por lá até 1997. Após um hiato, retornou em 2009, permanecendo até hoje, somando 14 anos de dedicação à Universidade. Nesse longo percurso, muitos

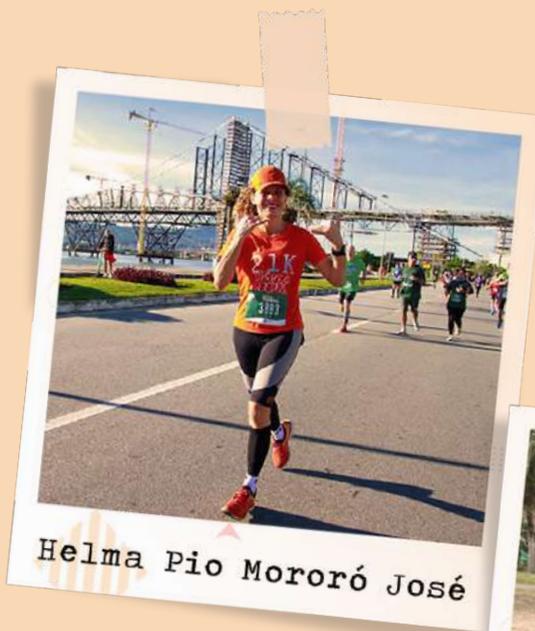
foram os desafios enfrentados por ela, e um deles foi o sobrepeso e o colesterol alto. Por incentivo de um amigo, Helma resolveu buscar uma resposta rápida a esses problemas e a alternativa encontrada foi a corrida. Três anos depois disso, ela realizou sua primeira prova de meia maratona, em setembro de 2018, na competição “Farol a Farol”, em Salvador. E, o que para ela seria apenas uma atividade temporária, se tornou paixão e propósito de vida.

“Além dos ganhos de saúde, tenho ganhado qualidade de vida e fiz amigos queridos. É um tempo que tenho comigo e com meu corpo, é a sensação de superação a cada corrida. É ter um objetivo e, literalmente, correr atrás dele. É a sensação de prazer após um treino concluído, é saber lidar com

as frustrações quando uma corrida não sai como planejado”, revela Helma. Para 2020, a meta da professora já está traçada e tem até hashtag motivacional: projeto #42com50, ou seja, correr uma maratona de 42,195 km com 50 anos.

Do tênis ao boxe – Com mais de 30 troféus em mãos, Carlos Guimarães, de 55 anos, não é apenas coordenador do Setor de Audiovisual do campus de Jequié. Ele é, também, tenista apaixonado pelo esporte. Atuando na Uesb desde 1983, Carlos começou a jogar tênis motivado por um amigo e pelo seu espírito de atleta sempre em busca de novos desafios, já que ele vinha da prática de outras atividades como o Karatê. “Jogo tênis para manter um bom condicionamento físico, além de me ajudar muito a manter a saúde em dia, manter as amizades construídas por meio do tênis e também sinto muito prazer em jogar”, afirma Carlos.

Assim como Carlos, Rabi Rezedá, secretário do Departamento de Tecnologia Rural e Animal (DTRA) do campus de Itapetinga,



Helma Pio Mororó José



Carlos Guimarães



Rabi Rezedá

tem uma relação longa e de cumplicidade com práticas esportivas. Soteropolitano nato, com referências do judô e da capoeira, aos 48 anos, ele relembra o início do seu relacionamento com o boxe, com apenas 14 anos. “Na época, aprimorei meus conhecimentos praticando o pugilismo sob a orientação do treinador, o ex-campeão baiano Davi Nássia, e com atletas de referência estadual e nacional na academia Botafogo Boxe Clube, no bairro da Liberdade”, lembra Rabi.

“A partir de 1992, fui muito atuante em competições estaduais de boxe amador e profissional, após estar licenciado pela Federação Baiana de Pugilismo para atuar como instrutor, juiz e árbitro em boxe. Minha última participação em eventos de boxe se deu no ano 2000, antes de me mudar para Itapetinga, onde continuei ministrando aulas de boxe e aeroboxe em diversas academias e clubes locais até 2017”, conta o ex-pugilista que, hoje, vê o boxe como um hobby.

Embora a corrida de Helma, o tênis de Carlos

e o boxe de Rabi sejam esportes totalmente diferentes entre si, fica claro que duas coisas os unem: a Uesb e o prazer pelo esporte.

Texto:



Tais Patez,
estagiária de
jornalismo

Fazendo a diferença

Atuar em uma instituição pública vai além do cumprimento de tarefas. Participar da engrenagem que atende ao coletivo significa, na maior parte do tempo, viabilizar os serviços essenciais ao cidadão. Quando se compreende essa função social, a dedicação ao serviço público rende grandes resultados, que podem surgir a partir de pequenos passos.

Assim foi a idealização de uma gestão eletrônica de documentos na Uesb. Josafá Reis, responsável pelo projeto, participou de todas as etapas para a sua implantação. Mais do que isso, partiu dele a movimentação em torno da ferramenta.

A história de Josafá na Uesb teve início em 2007, como aluno do curso de Ciência da

Computação. Quatro anos depois, o estudante se tornava também servidor, lotado na Pró-Reitoria de Administração e Recursos Humanos (PraRH) da época, atuando na gestão das informações funcionais dos servidores. Foi a partir de então que Josafá esteve à frente da iniciativa, que buscou otimizar a base de dados da área de Recursos Humanos.

“Em 2013, fui movimentado para a Unidade Organizacional de Informática (Uinfor), com o intuito de auxiliar no desenvolvimento dos sistemas de informações utilizados na PraRH. Nesse mesmo ano, começamos a definir as bases do projeto de Gestão Eletrônica de Documentos (GED)”, conta Josafá.

Ao retornar para o setor de Recursos Humanos, no fim de 2015, o servidor assumiu

a coordenação do Setor de Informações Funcionais (SIF), cuja semente ele havia plantado.

À frente do setor até hoje, Josafá explica que o Sistema atua “para a abertura dos documentos/dados disponíveis no GED para os servidores e a continuação da expansão para outros setores”. Segundo ele, a transferência dos dados do ambiente físico para o digital se deu a partir de diretrizes, metas e ações continuadas que originou uma Política de Gestão de Documentos e Informações na Universidade.

A iniciativa dialoga com a proposta de digitalização do Governo Estadual, que, neste ano, implantou o RH Bahia na gestão dos recursos humanos de todo o estado. O GED, inclusive, foi reconhecido pelo Prêmio Boas Práticas do Trabalho, do próprio Governo. Em 2017, o projeto foi um dos finalistas da ação e, em 2019, também está inscrito no Prêmio que busca incentivar e dar visibilidade aos servidores que desenvolvem práticas diferenciais na administração pública.



“Eu sempre me senti atraído por áreas de atuação que envolvem transmissão de conhecimento e Tecnologias da Informação (TI). A ideia de ser servidor público também me provocava orgulho pela contribuição com a sociedade e atuação em nome de uma instituição respeitada”, destaca Josafá.

Educação e tecnologia – Compreender a sua importância para o desenvolvimento de uma instituição que tem a educação como fim também levou Gustavo Bomfim a buscar estratégias de aprimoramento do trabalho por meio da tecnologia. Servidor da Uesb desde 2012, Gustavo está lotado atualmente na Coordenação Setorial de Informática (CSI), do campus de Jequié. Lá, já exerceu funções de manutenção e suporte aos sistemas, auxiliando toda a comunidade acadêmica.

Gustavo conta que o desafio da Coordenação era o atendimento ao público do turno da noite, e o aumento da demanda de serviços oferecidos, como o cadastro à rede de internet sem fio. A forma de contornar essa realidade, facilitando e ampliando o suporte

oferecido pela Uesb aos seus usuários, foi apresentada pela própria tecnologia.

“Começamos a fazer uso do serviço de formulários do Google para organizar as informações e usar o QR Code para o serviço estar acessível ao usuário, em locais visíveis e de grande circulação dentro do campus. Com essa iniciativa, reduzimos a burocracia e nosso atendimento ganhou agilidade”, descreve Gustavo.

Ele explica que o QR Code (sigla derivada do termo em inglês Quick Response) quer dizer resposta rápida. Trata-se de uma espécie de código de barras que pode ser escaneado pela câmera da maioria dos atuais telefones celulares. O código direciona o usuário à informação que se deseja passar, podendo ser em formato de texto, endereço de página na internet ou até mesmo um número de telefone ou localização georreferenciada.

“O uso dessa tecnologia pode ser aplicado em diversos meios que proporcionem interação entre o usuário e os serviços oferecidos

pelo setor, automatizando o atendimento e excluindo a fila, deixando o usuário livre para ter acesso onde e quando for necessário”, esclarece o servidor.

Para Gustavo, a inovação faz toda a diferença na rotina do serviço público. “Somente quem está dentro e envolvido com o processo sabe exatamente quais são os problemas que precisam ser solucionados. Além disso, o servidor pode implementar uma rotina, testar e adaptar. A consequência disso é que o serviço público ganha agilidade, retornando um melhor atendimento aos seus usuários”, defende.

Texto:



Mariana Lacerda,
jornalista

Licença Poética

Colcha de Retalhos

Estou aqui sentado à mesa, diante do computador, à espera das palavras que insistem em não chegar. Espero que cheguem! Não é sempre que paro para escrever uma crônica. Sei que o processo é demorado: letra a letra na construção da escrita.

De repente, as minhas mãos suam, a cabeça fervilha e um vendaval de imagens começam a inquietar meus pensamentos. Ainda não sinto clareza no que está sendo apontado, mas vejo linhas, agulhas, retalhos, memórias... insisto como quem força a passagem... os dedos deslizam sobre o teclado, nervosos, como chamas de velas quando o aparavento se abre e elas se inclinam, a fugirem da corrente de ar. Fiquei impaciente para decifrar o que sentia, misto de sobriedade e embriaguez.

Respirei fundo e deixei que as mãos fizessem

o seu trabalho, contínuo trabalho. Fiquei ali a olhá-las, como se tivessem vida própria. E enquanto trabalhavam rapidamente, lembrei-me da minha avó tecendo uma colcha de pequenos fragmentos de tecidos coloridos. Aquelas mãos tão humanas, tão vivas, emendando pedaço a pedaço, o dia com a noite, os sonhos com a realidade, o amargo com o doce, a alegria com a tristeza, o presente com o passado... tudo artesanalmente, retalho com retalho, de maneira resistente, até o arremate final.

Reparo agora nas minhas mãos à medida em que escrevem e espanta-me que se mexam sem ajuda, indiferentes a mim. Colcha de retalhos! Era o que procurava, era o que faltava para acabar a inércia. Estava tudo ali. De forma totalmente espontânea, dei conta de que eu não escrevia. Olhava as minhas mãos juntando palavras, costurando sentidos

para dar forma aquilo que eu pretendia fazer.

Agora estou somente a observá-las. Elas se guiam sozinhas! Deslizam-se de um lado para outro, fazendo notar as articulações, os ossos, as veias, a sutileza dos dígitos. Coisa muito estranha: as mãos.

Durante alguns instantes ou por muito tempo, memórias e perguntas invadiram a tela do computador, no exercício frenético das mãos: por que as mãos me comovem tanto neste instante? As mãos da criança, do aluno e do professor? As mãos habilidosas da idosa que tece as histórias da vida? As mãos quietas, paradas, insensíveis? As mãos de ferro ou as de pena? As mãos que repreendem ou as que acolhem?

No entanto aqui estou eu comovido. E por que eu me comovo tanto? Por que me indigna a sua morte? Sinto as minhas mãos por aí... criando à minha volta as ideias que não nasceram em mim.

As mãos se acalmam do frenesi e eu volto a senti-las! Continuei a espíá-las para ter

a certeza de que eram as minhas. Mexer, mexiam-se, mas o que é que isso provava? Acendi a luz, reli a escrita na tela. As minhas mãos ainda estavam vivas. Os dedos obedeciam ao meu comando. Senti frio. Cobri-me com a colcha da minha avó... colcha de memórias, resultado do trabalho incessante de várias décadas. Tomei fôlego para escrever a última frase da crônica. Provavelmente as minhas mãos não estavam de acordo comigo, mas a quem interessava o julgamento das minhas mãos? Fico aqui com as mãos que constroem histórias... Sempre independentes!

E, se bem me conheço, vou ficar por aqui enroladinho na minha colcha velha, diante do computador. Esperando a inspiração chegar para começar a escrever...



Luciano Lima,
professor da Uesb.

Memórias

A vida é infinitamente surpreendente. Ela nos apresenta pessoas, situações, condições e estágios que só os podemos dimensionar, muitas vezes, com a regalia do tempo. O tempo, raro para algumas pessoas, é matéria prima para entendermos o que fazemos com o que está diante de nós: o momento presente. Ao lidar com poesia, arte, apreciação estética, o Teatro nos oferece o presente necessário para expressarmos nossa visão de mundo, nossa impressão dos acontecimentos e, de modo reflexivo, oferecermos a nossa versão das coisas.

Para Roberto Ives de Abreu Schettini essa experiência de tempo foi, a olhos vistos, uma experiência da plenitude. Tendo iniciado seu contato com Teatro na adolescência em Vitória da Conquista - cidade onde nasceu e para onde retornou sempre pelo afeto humano que ali guardara - tão logo assimilou

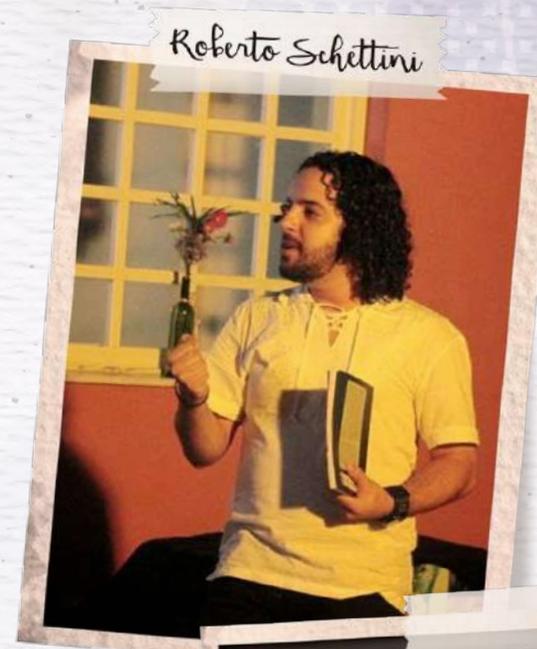
as habilidades práticas, organizou um grupo na escola e, exercendo sua conhecida liderança, mobilizou pessoas, ideias e sentimentos em torno da arte que o faria tão especialmente destacado na Bahia.

O impressionante dinamismo de seus trabalhos e o modo como sabia acionar os talentos de outras pessoas era uma característica temperada entre a ousadia do artista, as habilidades do professor e gestor, atento aos rigores acadêmicos, e um ser político de luta, de força e união entre seus pares. Uma inteligência sensível e nem por isso afrouxada, pois sabia reivindicar, de modo altivo, direitos, espaços, respeito e dignidade para si e para toda comunidade artística e acadêmica que pode alcançar.

Grupos de teatro, textos e espetáculos de teatro premiados, publicações de destaque

são algumas das evidências de um trabalho impecável, incansável deste professor poeta. Dentro da Uesb, universidade de escolha (antes de integrar o quadro efetivo já tinha assumido o cargo de professor na Universidade Federal do Maranhão e optou por abrir mão), a nobreza de sua decisão nos fez amadurecer com agilidade para as exigências formais que o curso precisava adotar e, assumindo as rédeas do tempo, liderou uma reelaboração do projeto pedagógico original para a Licenciatura em Teatro, fomentou programas e projetos de extensão de amplo alcance e ativou grupo de pesquisa no mesmo momento em que concluía seu curso de doutorado e cumpria as rotinas dos semestres letivos. Hoje sua influência ainda nos mobiliza internamente.

Apesar de todo empenho de tempo, Beto não deixou de ser uma pessoa ativa, humorada, agregadora. Era capaz de fazer uma festa com apenas duas pessoas. Sobre todas as coisas, amou o Teatro e suas vertentes e, esse amor, quem esteve ao seu lado, sorveu!

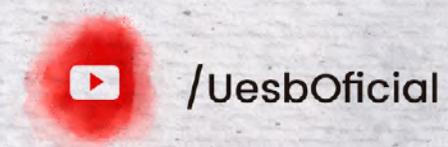
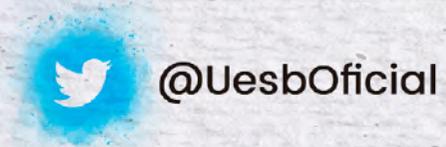
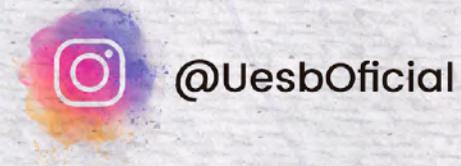
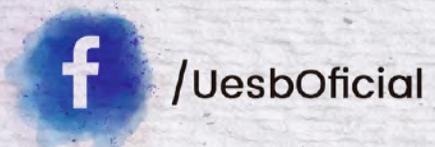


Roberto Schettini

Roberto Ives Abreu Schettini (1985 - 2015) foi professor da Uesb por cinco anos, sendo um dos fundadores da então Licenciatura em Artes da Universidade. Artista cênico, Roberto foi destaque em inúmeras premiações artísticas, incluindo o Prêmio Braskem de Teatro, em 2008 e 2010.



Maria Aparecida de Souza, professora de Teatro e Dança



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia

